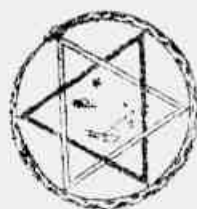


A IDEA



Sciencias e Lettras

ORGAN DO CLUB DOS ESTUDANTES

REDACTORES — Alfredo Pirajá, Dario Velloso (*Aramus*) e Canrobert Costa.

HOMENAGEM

1889

Centenario da Revolução Franceza

E

AOS DENODADOS PATRIOTAS

Mirabeau, Marat, Robespierre etc.

14 DE JULHO DE 1789

A IDÉA

A Branca

Ha já tempo ; sou eu ainda a hora ha tanto desejada. Estonteciam-se nas vagas chamuscantes de uma morte inevitavel, a tyrannia, amilhados ignavimos abysmos ia desaparecer das europas plagas por entre os anathemes do mundo civilisado.

Como os individuos, os povos tem sua infancia, sua virilidade e sua decrepitude. Embalde daria algum a creancinha de Estêphes louros não crescutos ; em vão bradaria algum a um povo não caminhado, não progredido. A creancinha e o povo seguem seu caminho.

6) mesmo succedeu a França, quizera-lhe vedar o progresso, ella humilhada mente rompendo tudo, sou eu venho os seus perseguidores humilhados e co-

Alfredo PRAÇA.

A grande Revolução

depois de muitos factos prezados res da Revolução, ella a Grande revolução de 89 rebentou no dia 14 de Julho. Nesse dia os povos civilisados de todos os continentes receberam o baptismo de luz, em meio dos muros derrocados dos castellos e dos gritos patrióticos da massa popular.

O sofrimento dessa grande noite — a França — o roubo de seus filhos que eram levados — as donzellas para os horrores e os moços para as cavalcadas dos perseguidores — a sua humilhação, o seu

FOLHETIM

Victimas da Inquisição

(1.º livro) de Antonio V. de A. Kallio

I

Sei lá qual raras e medrosas estrellas na aboboda ennegrecida das céas, reflectiu os tremulos raios sobre as murmurantes e caprichosas vagas do magestoso Tejo, que em celeres corrida, beijando a furto os muros de Lisboa, vai inquieto e agitado em procura do abysmo onde contentoso e desaparece.

A cidade repousa, não em placido somno, mas assaltada por medonhos e assustadoras pesadelos, rebombando som de innumeros e atrochimbos gritos de colera e desespero, envolta no pardacento nevo de procellosa e entristecida noite.

II

— «Como tarda! como tarda hoje o meu querido Isaac!... Senhor Deus de Is-

nada, tudo eclipsou-se nesse dia de luz e de sangue, de patriotismo e de colera, de grandeza e justiça! E das ruínas negras da Bastilha, levantou-se, hircuta, soberba de magestade, orgulhosa de seu poder, a figura da França que proclamava o direito de todos, o direito do homem e não cousa, o direito da liberdade do ex!

6) patriotismo do povo francez deitou por terra a columna sacral da monarchia, sob cujo peso veietava a nação franceza, sem um futuro risinho para seus filhos ; e depois, em perpetuo excessos bambou, o solo da nova patria em o sangue de milhares de homens, que representaram a prepotencia do passado, o perambulante aviltante da fidelidade, a tyrannia que atrophiava a plebe, ou a dictadura que erguia-se cruel e sanguinaria em meio do desmoronar das instituições ; e afinal proclamou, como o symbolo da felicidade futura a Republica.

Foi, durante a revolução franceza — esse emblema de gloria que o povo mais asuasos nunkj, foi no ruído surdo da quedada das fortalezas e no desmoronar de um poder eminentemente secular, que elle mostrou a sua força, na explosão de colera que arrebentou em seu peito que elle mostrou a sua vontade ; foi, ao correr impetuoso e quente do fogo da liberdade, a fúria da vitoria forte, irredutivel, a tantos secukos de humilhações, de vergonha e de servidão ! E os paizais dos castellos ardeantes, prafum em cada um dos pergaminhos que representavam-lhes ser a obra da liberdade do serviço, e tyrannia-se soberano.

A vingança nobre, a vingança justa ; foi a que se sentiu a sua força, a vaga humilhação em arde castellos feudos paizais.

III

Impaciente e gentil creancinha, em culpa frontesinha arvia e a timidez a adornada parrucinha pousava o quibeto osculo de vida e formosura, em corpos labios sorriso agitados e apaixonados e magro, repousava adormecida em simples e formoso leito de manto edredon, sonhando talvez com as canções e os beijos dos seus amourosos e felizes pais.

Esther, encheada, velando o seu precioso fruto, entre sorrisos de mãe e urdentes lagrimas de esposa, impaciente e assustada, estremece ao mesmo bar-

com o seu sangue, tantos seculos de captivo. A' queda da Bastilha, que marca a primeira cadida dos factos brilhantes que se deam no corar da grande Revolução, succedem-se o periodo terrivel, mas nobre, justo, e grandemente emancipador do Terror. Depois vem a reacção que costuma seguir as vicissitudes de um povo a reacção absolutista serva-se no cansaço dos factores do Direito, e do

Rom. Mas ah ! felizmente para o futuro, — embora terminada a revolução, maior da historioes seus effeitos estenderam-se pelos annos e perduram e perduram sempre, — pelas proclamações de estados livres que desu então tem-se erguido no seio da historia, e continuaram a erguer-se, a honra, a gloria, que o resultado mais completo da grande e civilisadora Revolução, seja attestado pela confraternisacão universal dos povos livres, servidos pela fraternidade no embudo das trisações da vida, pela igualdade no administrar de seus direitos e pela liberdade completa honra, fôrça, seu pensar, o discernir as suas ideas realmente assim o lemmu augusto da bandeira que trembeu nos muros durtoezais da Bastilha : — liberdade, igualdade e fraternidade !

E Costa

O passado e o futuro

A França é o passado ; o nosso Brazil é o futuro.

Ha um seculo, Camilla Desmoulins, o moço francez, inflamado pelo patriotismo, despiesto empunha, trepado em cima de uma mesa no Palais Royal, apontava a Bastilha ao povo de Paris

ho, esperando a todo momento ver junto a si o querido e adorado Isaac.

IV

Neste momento novamente, apertou contra o seio offegante a formosa creancinha e parmaneceu mais silenciosa e muda.

Infernal tormento levantou-se no principio da secura e torrensa ran e foi mais e mais augmentando. Eram temerarias e fúteis colera, queixas dilacerantes de feridos, ingubres suspiros de moribundos, e o ruído sinistral e lugubre do ferro em medonho serviço de carnefina.

V

Desventurados Iscaquias ! sem possuírem ao menos o côo adorno e bello da pallia, errantes foragidos, humilhados, aterrorizados, se aos minutissimos caprichos da plebe e dos grandes, eram açoitados de perseguições movidas geralmente pelas frazes, muitas vezes por nobres e me paizais reis ! cuja causa não era o elles pertencer a religião diferente, mas tinham o fim unico de se apoderarem os christos de 400 orientaes riquezas !

Ha um século, Tiradentes, o moço brasileiro, cheio de enthusiasmo, apontava ao povo do Brazil o caminho da liberdade, empunhando a bandeira dos conjurados mineiros.

O povo francez ouviu a palavra inflamada de Mirabeau e da Camille Desmoulins, e a Bastilha esse inferno, secular como a monarchia de S. Luiz, cahiu derrocada aos golpes repetidos da população furiosa em revolta.

E, cahida a Bastilha, cahiu tudo: cahiram os privilegios, sendo proclamados os direitos sagrados do homem, cahiu o throno, cahiram as cabeças dos nobres e dos padres, aos golpes do cutello.

Enquanto tudo isto acontecia na França, aqui no Brasil, Tiradentes era decapitado e preso, sem um protesto sequer da parte do povo, de cujo seio sahira esse heroi da America.

Enquanto na França o povo decapitava os reis, no Brazil os reis mandavam esgarçar os filhos do povo!

E' que o povo do Brasil ainda não tivera bastante tempo para apreciar todos os resultados da estranha monarchia.

E' que o povo brasileiro soffrera muito pouco.

O povo só pode comprehender a necessidade de ser livre: a custa de muito despotismo.

E no Brazil a tyrannia estava ainda na infancia, ao passo que em França ella já adquirira mais.

Na França os odios accumulados durante seculos no coração do povo já não podiam conter-se e tiveram então de expallar-se fatalmente.

Para cavalos, para satisfazer a sede ardente de vingança foi preciso que o

brago popular cingasse de cortacebegas! foi preciso primeiro que o sangue verme- llo dos gordos fidalgos corresse a jorros para começar-se depois a obra da reconstrução.

E si o povo francez não tivesse procedido assim, nhum os seus intentos vingar-se-iam; si esse povo gentil não tivesse feito tudo o que fez, ainda o mundo inteiro estaria escravo.

A revolução de 89 não foi somente franceza, ella pôde chamar-se a Revolução Universal.

O povo francez foi o meio para conseguir o fim sublime de todos os povos da terra: a Liberdade.

A França tem essa gloria immortall e gloriosa divina de ter libertado a Humanidade.

Mas a França sacrificou-se inteiramente por essa gloria; esse trabalho heróico custou-lhe o annuo.

A França é o passado, a Europa é o passado; nós, os Americanos, somos o futuro, o Brazil é o futuro.

Clã dos Estudantes, essa creança que hoje completa um anno de vida, não perçã desse futuro.

Le esta povo grandiosa do futuro, estes moços enthusiasmas do Brazil, que saudam a França no dia em que faz um século que o seu povo glorioso deu origem a tyrannia.

Hoje nós comemoramos com ella, não a flagella sanguinolenta, não os desvanes da plebe ignorante, desenfreada e feroz, mas o dia em que o povo primeiro fez sentir no mundo a soberania do povo.

Curitiba, 14 de Julho de 1889.

J. SALDANHA SOBRINHO.

VII

Desvarada, loma de terror e desespero, a formosa e indoliz Esther correu para o jardim e pôz-se a chorar. O sol na lade da creancinha, precipitou-se bruscamente em sombra e profunda escuridão. Depois gemu, rebemi pelas paredes do abysmo; ibam substituir-se puchal e abombarco silencio.

VIII

A cas foi invadida pela tueria ebria de sangue e carueteima. Tudo era violado; uas arrombavam uovos, outras coram os aposentos em procura de victimas. O tranquillo e amoroso nio, onde por cayo Alimemto curamente reicava a mais term ventura, perdia a ordem e beleza, transformando-se em inferno e deserto chaps.

E eram os filhos de Christo, — o amigo da igualdade e paz, — os auttores de tamanhas e degradantes monstruosidades! Egoismo; misera humana...

IX

Os negress, ferozes quacs bravias pan-tueras, implacaveis como indomitas hye-

Litteratura brasileira

(Continuação)

Entretanto esta escola attribuirá t facto a intervenção exterior da nat- abstenção a sua logica, o nomos o- a razão humana; outa, ainda m- a fonte e menos segura, confundirá elementos mais antagonicos, baralha- acoos mais exant, para extrah- le accidente. Futuro, da verdadeiras bi- gualias, como o somno de Dario, o na- riz do Choppa, o alcoso de Francisco I- a tuala de Luiz XIV, o motivo do mais assombrosos movimentos, que tem agitado o mundo, e do mais severo, in- aces. Chaimis são poderosas que es- pantariam o proprio poder do Bem do- rontante.

3. — E' preciso, pois, que não nos pre- teupemos com esses desvios da intelli- gencia, e que, adavez de semelhante floresta dançosa, busquemos na sombra da origem de um Virgilio; e que a loba do sophisma e da falsa erudição appareçam diante do vesso celebre da poeta florentiniana.

E' facil comprehender que, tratando- se de escrever a historia da litteratura brasileira, dever-se-ha tomar todos as cautelas contra a diffusa superficialidade. A primeira condição de todo o trabalho, lepois na concentração, incide da at- tenção do critico no seu assumpto — o Brazil, isto é, na reunião do material historico e na obtenção das suggestões de que esse material seja susceptivel para

nas, brutas, insensíveis, sedentas, indig- nos de compaixão, soittaram mil brados de voz alegre, ao verem o pãduo e gracioso vulto d' a formosa indoliz Esther de voltar para junto do inanimado, pãduo enlanguado pelo sopro letifero da morte.

— « Morra! morra a judia, morra a hereje! » bradavam rangendo as aguçadas presas, e saltando immon las, tor- pes, amantadas pulcras.

Um de entre elles caminhava para a victimu alcinha ensanguentada! e rija a lava.

— « Mata! » bradava aoven, aj, othando ao lado de Isac e pendendo a encantadora fronte para as tremidas penas.

O golpe foi vibrado. . . E os dois cada vez se uniram-se em ultimo e indesperado somno.

Curitiba, — Maio de 1889.

PM

BERTAM.

Não desviavam os eonjuns, intenciosos q- que os pobres filhos da Inda eram sobre- carregados, não bastava abontarem a mago, quando esta necessitava: — sof- friam tambem o saque: tambem o roubo! Desventurados Israelitas!

VI

E nense mais ia o rumor augmentando. Esther agp tava nervosamente a creta- rascoim, que, despectada e chorum la, fa- zia resoar dolorosamente o nome de seu pãe.

A briso e a porta sob vigoroso impulso. A jovem condegoi mais ainda no seu o corpo da amedrontada creança.

— « Bãue! » o grito ella satisfeita re- conhecendo a pessoa, que tão apressa- la entrara e sem conhecer o perigo que a todos presidia.

Isac, ohi m a idolatrah, espousa eo in- nocente filhinho, dons lagrimas treme- ram em seus stios douceiros, fez umos- forço supremo: unio os mios sobre o co- ração dilacerado, e, tendinho estancar o copioso sangue que de largo talho jor- rava, cahiu pesadamente, murmurando: — « O Santo Officio!... O Santo Officio! »

sua originalidade. Sem este processo preparatório será impossível alcançar a maior do Virgílio nacional.

O estudo dos documentos divide-se naturalmente em 5 secções. A) documentos relativos á terra do Brazil; B) documentos concernentes á invasão da terra; C) documentos sobre a acção do homem e transformação da terra; D) documentos atinentes ao folle lute, tanto transoceânico como indígena; E) productos litterarios conscientes encontrados no archivo da histôria patria.

A simples menção d'essas materias da ideia da marcha que ha de tomar o critico para chegar ao desenvolvimento completo de sua obra. Com razão affirmam um dos subeditores da critica moderna que um *methodo* indica uma obra por fazer e um *systema* uma obra feita e acabada.

No caso vertente é preciso que o historiador seja algum tanto mais que um mestre de obra feita. Si se aferrar á um *systema* exclusivo, o seu trabalho será em pura perda.

Para ser original, portanto, é indispensavel que adopte um *methodo* abito como recommenda a nova escola philologica inglesa, — um *methodo* que seja capaz de supportar todas as tendencias individuais em agitação.

(Segue) **ARABER JUNIOR.**

Quando advinha que vou vir-a-te a escada
Ouve-me a voz e o meu aadar contava,
Fica pallida, assusta-se, estremece,
E não sei porque foge envergonhada.

Volta depois. A porta, alvoroçada,
Sonniudo, em fogo as faces, apparece :
E talvez entendendo a minha prece
De meu olhos, adianta-se appressada.

Core, delicada, multiplica os passos ;
E o chão sob seu passas murmurando,
Segue-a de um batinho, de um rumor de
(festa...)

E—ah! que desejo de a tomar nos braços,
O movimento rapido sustanto
Das duas azas que a paixão lhe empresta!

OLAVO BRAG.

LITTERARIA

Fervet amor

Dá para a cerca a estreita e humilde cella
Dessa que os seus abandonou, trocando
O calor da familia ameno e brando
Pelo claustro que o sangue esfria e gela.

Nos florões marmoreos da janella
Papeiam aves e seu ninho armando,

Vêm-se ao longe os trigos ondulando...
Muito soori na pradaria bella.

Zumbe o insecto na flor do rosmaninho ;
Nas grietas pouca a abelha ebria de gozo ;
Zumem besouros e palmas o nino.

É a freira sisma e córa, ao vôo, auctoso,
Dessen caife virgineo sobre linho
Um par de borboletas amoroso.

GONÇALVES CRESSO.

Creio

Tu me purificaste, un-
grido me com os teus la-
bios. Tu me santificaste
com o teu primeiro olhar.

(PALAVRAS DE I DEIA).

Creio em tuas mãos alvas, porque nel-
las diviso o celeste confio do meu des-
tino.

Creio em teus olhos pensativos, porque
em tus teus pensativos olhos que pela
primeira vez vi reflector-se, minha alma
inteira, corou da seixas e chimeas.

Creio em teu regaço tranqullo, porque
nelle vibrou se as santissimas cordas da
innocencia e enlanchou-se as innocentes
flores da virgim lada.

Creio em tua boca melodiosa e pura,
porque della só escapam, como da harpa
divina, as serenias harmonias das festas
da mocidade e da incomparavel candura.

Creio em teus sorrisos, porque nos
teus sorrisos illuminou se o meu pensa-
mento errante e ganhou forças para as-
cender as portas da celestial morada.

Creio em tuas lagrimas, oh! meu aben-
çoado amor, — porque nellas lavei de
escuras lembranças a fronte amarga-
rada, e baptizei o meu coração, recom-
nascido para a esperança, para a illusão
para a gloria, para o entusiasmo, para
a virtude e para a immortalidade.

Luiz Guimarães Junior.

A' uma cantora

Cantavas... sobre mim frecha ligeira
Passou zimbando no ar: — Amor q' estava
Junto á ti, contra uma alma delle escrava,
Despedira-a com mão pouco certa.

Mais vendo assim baldada essa primeira
Frecha, outra arranca da luzente ajava,
Vibra-a, e esta, enfim, aguda se me crava
N'alma... Arranca depois uma terceira...

Eu clamo: — Estou ferido! estou ferido!
Suspende, Amor! — O amor não nos faz bre-
Só pelos olhos, minha doce amada.

Pelos olhos não foi; foi pelo ouvido,
Foi pelo ouvido que me entrou a frecha,
Sinto ainda nelle a dôr d'essa frecha!

RAYMUNDO CORREIA.

O ENTERRO DE UMA FADA

Morreu a fada Azilka.

Nas folhas brancas de um lysio, quan-
do pela manhã muito cedo regava as
flores do meu jardim, deparei-me para
o enterro o seguinte convite:

«Morreu a fada Azilka! Convidam-se
todas as fadas; todos os genios do ar, todas
as aves, enfim, todas as rebenitas e ami-
gas amigalhas para assistirem no subimen-
to que será ás 10 horas da noite, quando
o crescente fulgido do luar diffundir de-
litoso e suave clarão nas aleas areolas
do jardim»

Estranho espectáculo, pensei comigo,
leve-se o enterro de uma fada.

N'es-a noite, a hora marcada para o en-
terro, dei-me pressa de entrar em casa.
Procurer um jacinto que desse para o jar-
dim, e por uma faga da vidueta enva-
nuidamente encoberta por uma cortina

azul obliquei o meu olhar curioso. O en-
terro já desfilava na aia principal do
jardim; para um e outro lado do presta-
to moviam-se com fila os pyrilampas, com
as competentes lanterninhas de duas ju-
zes; e, escaravelladas gentis de cor esca-
ra, vestidas de luto, caminhavam na

frente, tocando as sinas marchas fune-
res, tristissima e monotonamente compozição
de um genio amarelo, já fulgurante no
centro do prestio, quatro besouros, ne-
gros como um cavalo carregavam o fere-
tro — uma pequenina pétala de rosa, onde

se via, mãos em cruz sobre o alvissimo
côlo, a fada Azilka; e, finalmente, logo
atrás do caixão funebre, desfilava um
acompanhamento enorme de rosas, de
violetas, de clematites, de anemomas, de
tyrios, de dalias, de cravos, de margá-
ridas, de cecéis, e outras flores, vindo de-
pois as aves, uma variegada quantidade
de aves, e depois os insectos, e depois...

Estranho espectáculo!

Maravilhado, commovido, encantado
le tal arte eu fiquei, que o enterro da fada
Azilka se transformou inteiramente di-
ante de meus olhos; já eu não via o en-
terro de uma fada... Ah! eu te via, ó
minha amada, naquella caixãozinho de
petalas de rosas; as tuas mãos, pallidas
como os tyrios dos templos, alli estavam;

os teus olhos, a bocca, o seio, os cabellos,
tudo que te pertencem outr'ora.

Com olhos amurados de lagrimas, quan-
do a saudade funda me bateu no peito
como um sino em remota ermida, quando
senti diante de mim apparecer o teu vult-
to branco, ó minha querida morta — sahi
de junto da janella e cahi de braços sobre
o leito, abafando soluços no travesseiro.

Assim não pude ver o lugar em que
enterraram a fada Azilka.

WENCESLAO DE QUEIROZ.

PENNA SOLTA

Penna que ao vento vues, penna isolada,
Penna sem vida, que te quer o vento?
Onde irás tu parar? Terás da estrada
O pó? Terás a luz do firmamento?

E como tu meu vario pensamento,
Amor o leva, e, — penna abandona ta —
Vae onde vae a idea desejada,
Vae á mercê do amor, que é seu tormento.

A ti, talvez, passando, um ave leve
No rosão bido, e tras f'ra' o seu ninho,
E entre penhas d' uar, pena de neve;

A elle, o pens' amto — pe' m' escuta —
Quem ha do e' zup' e a meio do caminho,
Se até o repall' a mial' desventura?

AMUNDO DE OLIVIERA.

A vida humana

A vida é objectiva e subjectiva
Quando objectiva, imozom e pass;
Quando subjectiva, eficaz e real.

O objectivo «homem» sujeito ás
leis de a matema, desaparece; o sub-
jectivo «humanidade» perpetua-se na
especie e na idéa.

Assim, esses princípios fundamen-
taes da vida, desaparecem com a in-
dividualidade, para apparecerem com
a socialidade. No mechanismo so-
cial o individuo entra como parte
componente deste grande todo, que
se chama «vida humana».

Encarado isoladamente o indivi-
duo é um organo que pode desappa-
cer sem alterar a marcha natural da
humanidade.

O seu valor intrinseco tanto mais
intenso, quanto maior for o seu va-
lor extrinseco, d' onde segue-se que
tanto mais altruista, mais necessario.
Todos os animaes em vida seguem a
mesma lei nas suas quatro partes:
nascimento, crescimento, reproduc-
ção e morte.

Com a produção perpetua as espe-
cies, co a socialidade desenvolve
as idéas. Uma é material, emquanto
a outra é moral. Na existencia, isto
é, na lei da selecção, o mais forte é
destinado pelo mais fraco, d'onde, o
desapparecimento das especies infe-
riores para sobreviverem dos supe-
riores. A vida, pois, é uma serie con-
tinua de decomposição e recomposi-
ção. Entre esses dois períodos extre-
mos, ella passa por transformações,
devidas aos diversos agentes que a
constituem, como sejam clima, ali-
mentação, educação etc.

As qualidades essenciaes de uma
boa vida depende: 1º da constitui-
ção organica do individuo; 2º da edu-

cação physica e moral; 3º da influ-
ência do meio do qual se cerna. Para que
haja felicidade perfeita é preciso que
o individuo reúna em si todas essas
qualidades. A ausencia de uma só
ellas basta para tornar a incomple-
ta e imperfeita. Ellas constituem
o typo da perfeição se fosse possível
attinzeil-o.

Sem possível? Nunca, porque?
Mysterio da natureza e a sua lei de
solução. É preciso que uns morram
para que outros vivam. Ellas destrui-
ção que consiste a construção; por-
quanto a modificação é apenas um
elemento transitório. A biologia o
demonstra. As paixões, conforme são
ellas boas ou más, commoem para
acelerar ou retardar nos individuos
a acção destructiva do agentes natu-
raes.

A felicidade na vida depende mais
da imaginação do que da razão.
É mais abstracta do que concreta.
É ainda impura o orgulho e a
 vaidade.

Mysterio!!!

HILARIO LARREA.

Intima

(A' ***)

Soffres a mesma dor, caada rosa;
o mesmo pranto as faces nos orvalho;
a mesma paixão — ella — se espalha
de teu rosto na face harmoniosa.

É triste o recordar esse passado,
quando em tão nexo se esmorecia;
e sorinto e d'ouso, anjo adorado,
tu' alma estorta a minha adormecia.

Fugiam de mim pelo as espedanças;
— Não mais veia teu rosto, flor divina;
de teus labios a rosa corallina
não mais veia se abria ás auras mansas!

Choremos, meu amor! — los nossos dias
recoremos a doce filandula;
— talvez que assim mais tenas alegrias
rociem nossa flor, — flor da saudade!

Curitiba — 1889.

AMARIS.

NOTAS QUINZENAES

Inauguro hoje a minha «chistosa»
sessão, cujo tit'lo enuncia estas des-
fateadas linhas; previno, jamais es-
creverei para «mamamijos» e nem tão
nouso para moças gordas e rochon-
chudas, minhas «Notas Quinzenaes»
sõmente podem ser lidas por don-
zellas magras e bem pallidas.

Afinal após uma longa crise, re-
constituiu-se o «Club dos Estuda-
tes», uma associação de tanta neces-
sidade e que ia tendo um fim tão de-
sastoso. Um punhado de socios re-
solvou reerguer o «Club e finalmente
está em um tal ponto de prosperida-
de que nem o Dr. Luiz Pires poderá
esquecer o

Actualmente a nossa confiança está
toda depositada na benevolencia que
caracterisa a pessoa do Sr. theso-
reiro. E com florescencia do «Club»,
vem tambem a d'ra Ideia periorifico
interamente literaria e seientifico.

A colonia bahiana residente nesta
cidade festejou, de uma maneira bri-
lhantissima, o immortal dia 2 de Ju-
lio, fizeram uma esplendida passcia-
ta «aux flambeaux» discursos em
abundancia, foguetes e por fim um
incomparavel baile nos salões do
«Club Curitybano». O Manoel Per-
neta declarou-se venenazo em um
discurso que proferio. Os Bahianos,
sempre exornam exuberantes provas
de patriotismo, mas os paranaguenses
nem ao menos lembram-se «quando
é o dia 10 de Dezembro.

O dia 6 deste mez, que possue tan-
tas datas gloriosas, demarca uma bem
triste para a nossa tão amesquinhada
litteratura, o fallecimento de um
poeta insigne Castro Alves, o inspi-
rado cantor das «Espumas Fluctuan-
tes» e do magestoso poema «A Ca-
choeira de Paulo Afonso».

Hoje que apenas meia dazia de ho-
mens dedicam-se a este bello estudo.

quando o ministro da politica não os prohibe, alegando-nos bastante a lembrança de que no Brazil um tempo houve um que floresceram talentos como os de Varoão, Castro Alves, etc.

A politica mesquinha é a maior desgraça para um paiz civilisado.

O nosso bom amigo, e dedicado fidedelissimo publico o Sr. Alkitaio Jose da Costa foi exonerado do cargo de secretario da instancção publica, cargo que elle sempre soube elevar a altura de suas forças. O Parana por de na pessoa do Sr. Alkitaio um empregado de muito credito á par de uma dedicacão a toda a prova.

O «Club dos Estudantes» dirigio-lhe um officio extenuando o seu sentimento pelo injusto acto da presidencia.

A nossa litteratura tem ultimamente soffrido perdas muito sensiveis. Ha não muito tempo tivemos a infausta noticia do fallecimento de Theophilo Dias, o infeliz cantor das «Canfarias», logo depois a de Francisco Oeta viano e agora a do grande jurisconsulto Dr. Tobias Barreto de Menezes.

Publicista imperturbado, eximio pensador, poeta, hu acepção mais lata da palavra Tobias abreu um vaeuo que difficilmente poderá ser preenchido.

Peçamos a patria.

Ora basta de noites tristes e agora que o aborrecimento já invadiu o indolente corpo da minha bondosa letora, vou parar aqui, pois tenho que escovar a minha casaca para ir festejar o 14 de Junho.

Viva o 14 de Junho

14-6-89.

SASS FAÇON.

ECHOS E FACTOS

CLUB DOS ESTUDANTES

Esta sociedade tem tomado ultimamente proporções gigantescas, o digno presidente S. Sobrinho, está, como disse em plena sessão, disposto a trabalhar de toda forma.

A directoria que tem de dirigir os deslizes de tão patriótica associacão ficou composta da seguinte maneira:

Presidente—J.F. S. Sobrinho
Vice-presidente—Arthur Madureira
Orador—M. S. Otto
Secretario—Vianna Junior.
Thesoureiro—Javier Madureira

Commissão redactora da «Idéa»:

Alfredo Pinaja (recluto)
Carrobert Costa
Damo Voloso.

O nosso amigo João Licio de Carvalho foi proposto e acceto por unanimidade de votos para socio do «Club dos Estudantes».

Chamamos a attenção das nossas leitoras para os deliciosos versos que hoje publicamos.

Acha-se nesta capital o nosso collega Osorio Guimarães.
Comprimemamol-o.

O CENTENARIO

Para completa commemoração da magnificamente sublime Revolução Franceza, publicaremos em cada numero deste jornal, até terminir o anno actual um artigo relativo á grande Revolução, numa secção que terá por titulo — 1789.

Será esta uma constante solemnisacão da maior data e do maior facto da Historia, pela mocidade estudiosa.

14 DE JULH

«Constantes» que a colonia franceza vai abrambrar o dia de hoje, centenario da tomada da bastilha, com uma esplendida festa.

Foi a mesmo interinamente para o cargo de Director da Instancção Publica o professor de Latin Dr. José I. do Franco Valle.

IMPRESSA

Temos recebido mais os seguintes jornais:

De Minas — « Irradiação » de Leopoldiano, « Itajubá » de Itajubá.

Do Rio de Janeiro — o « Telegrapho » e « Voz do Povo », de Campos, « O Vassourense », importantissimo periodico litterario de Vassouras.

Da Bahia — « Netto do Diabo », « Monitor Gaxetial » e « Republica Federal » da capital.

« Cidade da Feira », de Feira de Sant' Anna, « Independente » e « Aratuipe » de Nazareth.

De Pernambuco — « Rebato » e « Bi-noculo » da capital.

TOBIAS BARRETO

Com verdadeiro pesar registramos a morte deste eminente homem, cujo talento fulgurava a par dos mais elevados deste paiz. Poeta de apurado gosto, o distinto democratico votou-se a fazer propaganda da litteratura atleeni, produzindo poesias bebbissimas. Democratica atleante, o fino poeta era de atta valia para o partido naciona! brazileiro.

O Club dos Estudantes, como representante genuino da parte estudiosa nesta provincia, inserio na acta de uma de suas sessões, um voto de pesar pelo fallecimento de tão eminente homem de letras.

2 DE JULHO

Os bahianos residentes nesta capital festejaram dignamente essa data, por meio de uma passeata no dia 1º e de uma esplendida baia, no dia 2, no edificio do Club Curizibano. A directoria do Club dos Estudantes foi honrada com um convite que muito agradecemos á gentileza bahiana.